

GEOCULT: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA GINCANA CULTURAL DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO ESTADUAL HASDRUBAL BELLEGARD EM CURITIBA - PR

Renan Elias
UFPR, renan_ek@hotmail.com

RESUMO

Aliar o cotidiano dos educandos aos conteúdos abordados em sala é algo que vem sendo adotado como uma das formas de atrair a atenção durante as aulas, assim como o emprego de ferramentas lúdicas, trazendo elementos que sejam conhecidos pela faixa etária a ser trabalhada ao longo da disciplina. Para ilustrar esta forma de abordagem na geografia, utilizou-se da análise do “I GEOCULT - Primeira Gincana Cultural de Geografia”, uma atividade realizada pelos bolsistas de iniciação à docência do Subprojeto Geografia 2 do PIBID-UFPR, vinculados ao Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, localizado no bairro Sítio Cercado (região sul de Curitiba), iniciada no mês de julho de 2016. Esta gincana cultural objetivou contribuir com a educação e o ensino de geografia, como uma forma de demonstrar que outras práticas pedagógicas e ferramentas didáticas podem colaborar no processo de ensino aprendizagem da disciplina. Por meio de atividades lúdicas a I GEOCULT colaborou com a elaboração de conceitos e promoveu a sociabilidade entre os educandos, estimulou a criatividade, teve o intuito de trabalhar os saberes individuais e coletivos, através da arte, música, dança, poesia, fotografia, teatro, jogos, cinema, entre outras. Com foco na interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento a gincana promoveu novas formas de adquirir um olhar geográfico (geograficidade) sobre o espaço no qual o educando está inserido.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Práticas Pedagógicas Diferenciadas. Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

Com o intuito contextualizar as vivências cotidianas dos educandos, a atividade da gincana de geografia apresentada neste relato de experiência buscou aproximar a realidade dos educandos utilizando os conteúdos da disciplina. A atividade procurou abranger temáticas que por vezes são de difícil compreensão dos educandos em sala de aula. Conceitos como espaço, lugar, paisagem, território e territorialidades, puderam ser trabalhados de forma conjunta com vertentes artísticas, incentivando a interdisciplinaridade entre a geografia e a educação artística.

A atividade apresentada foi desenvolvida e aplicada no ano de 2016 no Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, fazendo parte do Subprojeto Geografia 2 do PIBID (Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) UFPR financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que tem por objetivo proporcionar experiências didático-pedagógicas aos acadêmicos bolsistas participantes do projeto, visando à busca de inovações no ensino com o intuito de investigar as várias maneiras de se ensinar através das novas tecnologias da informação, tecnologias espaciais e atividades diferenciadas.

Utilizando abordagens da Geografia Cultural para embasar a atividade em sala de aula, os objetivos foram voltados para estabelecer a relação entre os conteúdos

trabalhados na disciplina de geografia com aspectos culturais de representação do espaço geográfico, abordar de maneira diferenciada o ensino da geografia por meio da realização de atividades práticas que despertem no aluno a curiosidade e o interesse pelos assuntos trabalhados, e trabalhar os saberes individuais e coletivos, através da arte, música, dança, poesia, vídeo, fotografia, teatro, jogos e demais vertentes artísticas que se mostrassem parte do cotidiano vivenciados pelos educandos.

Neste relato será discorrido sobre alguns trabalhos que se sobressaíram na “I Geocult” e que apresentam vínculo com imagens e o ensino da geografia, mais especificamente os grupos que apresentaram temas utilizando fotografias, vídeos e jogos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A compreensão da paisagem que nos cerca pode ser apreendida de diferentes formas, utilizando da percepção como uma resposta aos estímulos externos que são mais claramente aguçados, enquanto que os outros se mostram bloqueados ou menos favorecidos aos fenômenos ocorridos no espaço (TUAN, 2012). Desta forma, com base em cada fenômeno percebido, o homem exprime diferentes formas de se relacionar com o espaço, suas atitudes perante o ambiente que o cerca mostram primeiramente uma postura cultural, que foi construída com base em uma sucessão de acontecimentos que lhe foram pré apresentados de forma hereditária ou sucessiva.

O sociólogo Pierre Bourdieu utiliza do termo Capital Cultural “para explicar como a cultura, em uma sociedade dividida em classes se transforma numa espécie de moeda, que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças” (UNIVESP, 2001), alegando que este conjunto de bens simbólicos é passado de forma hereditária, quando a criança tem contato desde cedo com atividades culturais dentro da sua própria casa, pelo incentivo dos pais ou entes próximos. Esta criança tem maiores chances de se destacar em sala de aula, por já estar familiarizada com alguns dos conteúdos que são comuns da escola. Por mais democrática e integradora que a escola possa ser considerada, como agente de socialização e transmissor do conhecimento a todos, Almeida (2007, pg. 7) pontua:

Percebida como a escola de todos, isto é, transmissora do “patrimônio cultural” do conjunto da sociedade, mas transmitindo de fato a cultura dominante, a escola dá a sua contribuição específica para a luta simbólica, impondo, ao conjunto dos grupos sociais, a cultura de um grupo social específico como cultura legítima ou, mais precisamente, aqueles princípios dignos de ser tratados como cultura e, como tal, transmitidos para as novas gerações. (ALMEIDA, 2007, pg. 7).

Portanto, a escola, por maior contribuição que possa ter para a propagação do conhecimento, ainda se apresenta como um espaço de imposição de uma cultura definida pela classe dominante, onde há também uma segregação de conteúdos, como afirma Charlot (2009, pg. 148) “muitas vezes, o objeto de pensamento da escola não tem referente no meio de vida do educando. Pertence a um universo específico, construído pela ciência e pela escola”, o que não agrega sentido ao educando do porquê realizar as determinadas atividades impostas pelo sistema escolar, no qual Charlot (2009, pg. 147) contribui com a ideia de que na escola “fracassa o aluno que não estuda, mas fracassa também o aluno que desenvolve na escola uma atividade outra que não aquela que caracteriza a escola”.

Portanto, há uma preocupação em lidar com essas divergências no ensino escolar, com o intuito de diminuir as desigualdades e fazer com que haja uma maior disseminação de ideias, de modo que os educandos se interessem mais pelos conteúdos e criem relações com o seu espaço vivido.

Mais especificamente sobre a geografia escolar e sua relação com o saber, Stefanello (2009, pg. 19) comenta:

A geografia escolar, por sua vez, considerada uma área do conhecimento que integra a educação geral, abrange os conteúdos da ciência geográfica e, conseqüentemente, os de outros campos do saber, o que lhe confere muitas possibilidades para a interdisciplinaridade. Por exemplo, o estudo da ocupação do espaço por determinado povo pode compreender saberes de química, sociologia, história, entre outros. (STEFANELLO, 2009, pg. 19).

Há aqui evidenciado o potencial da geografia escolar em poder atuar de forma mais interdisciplinar (e menos segregadora) para estabelecer um maior interesse dos educandos pelos conteúdos abordados e auxiliar na relação com o espaço vivido de cada um deles, o que cria a possibilidade do discente relatar, durante as aulas, algo que remeta ao seu cotidiano em particular. Na tentativa de criar um vínculo de afinidade entre os educandos e a disciplina de geografia, Stefanello (2009, pg. 112) sugere uma abordagem lúdica para ser trabalhada em sala de aula:

Propiciar situações lúdicas na escola favorece o desenvolvimento de habilidades necessárias para a construção do conhecimento. Elas envolvem ações estratégicas, emoção, raciocínio lógico, estimulam a imaginação e favorecem também a ação educativa do professor, em sala de aula (STEFANELLO, 2009, pg. 112).

Desta forma, é possível realizar atividades que possam desenvolver a criatividade dos educandos e trabalhar com os conhecimentos que são provenientes da herança cultural que cada um carrega, não menosprezando estes conhecimentos vividos, e também complementando com uma nova bagagem que possa ser adquirida, se associados os conteúdos escolares ao sentido do porquê aprender aquilo, como afirma Charlot (2009, pg. 146):

Aprender requer uma atividade intelectual. Só se engaja em uma atividade quem lhe confere um sentido. Quando esse sentido é afastado do resultado visado pela ação de estudar, o engajamento nesta é frágil. Ao contrário, quando motivo e objetivo da atividade coincidem, esta faz muito sentido e sente-se prazer ao desenvolvê-la e, ainda mais, ao atingir o objetivo; Atividade, sentido, prazer: esses são os termos da equação pedagógica a ser resolvida. (CHARLOT, 2009, pg. 146).

Recorrendo aos autores da Geografia Cultural, pouco abordados na educação básica (se comparado aos demais conteúdos referentes a grade escolar), o autor Denis Cosgrove (1998) propõe “tratar a geografia como humanidade e como ciência social” (COSGROVE, 1998, pg. 100), ao “aplicar a paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro” (COSGROVE, 1998, pg. 100). Portanto, demonstra a possibilidade de interpretar a paisagem sobre outras perspectivas, de modo artístico, contribuindo para uma educação que visa a melhoria da compreensão do espaço individual e compartilhado. Como exemplo disso, Volochko (2014, pg. 460) utiliza da série

televisiva América de João Moreira Salles, baseada no livro homônimo de Jean Baudrillard, e afirma:

Este trabalho audiovisual se apresenta como ótimo instrumento complementar para compreensão das relações espacialidade-temporalidade, Geografia-história, e de conceitos – paisagem, formação territorial, produção do espaço, urbanização, segregação, cotidianidade, reestruturação produtiva – que podem ser desenvolvidos por professores de Geografia em sala de aula, seja no ensino médio, seja no ensino universitário (VOLOCHKO, 2014, pg. 460),

Conclui-se a importância do cinema para auxiliar na compreensão dos conteúdos expostos em sala de aula, assim como as demais formas de arte, que podem contribuir para a multidisciplinaridade da geografia e a intervenção dos próprios educandos, com as referências de seu cotidiano.

Ofertar encaminhamentos metodológicos diferenciados para o ensino, capazes de aproximar os educandos com suas realidades circundantes ou até mesmo torna-lo autônomo para desenvolver seu modo de ver o mundo, podem despertar nos discentes novos interesses com relação a disciplina. A interação do homem no espaço geográfico também se evidencia com esta abordagem, uma vez que o mesmo percebe que é ator destas dinâmicas espaciais e torna-se capaz de estabelecer relações locais e interdisciplinaridade com os conteúdos trabalhados.

A cultura é inerente ao cotidiano dos educandos que por vezes não conseguem observá-la. Cabe ao educador propor oportunidades para que os mesmos consigam perceber tal interação e relacioná-la com os conteúdos teóricos de sala de aula.

3 METODOLOGIA

Visando a interdisciplinaridade, a autonomia dos discentes e a abordagem lúdica em sala de aula, em 2016 foi elaborada entre os bolsistas do PIBID que atuavam no Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, uma Gincana de Geografia Cultural, para que fosse aplicada a todas as turmas das quais eram trabalhadas pela professora supervisora Francislea Ishikiriyama.

O colégio está localizado na zona urbana de Curitiba no bairro Sitio Cercado, no sudeste da cidade, fazendo limite com os bairros: Pinheirinho ao norte, Umbará e Ganchinho ao sul, Alto Boqueirão a leste e Tatuquara a oeste, como mostram as figuras 1 e 2.



FIGURA 1 – Fachada do Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard. (Fonte: SEED PR, 2012).

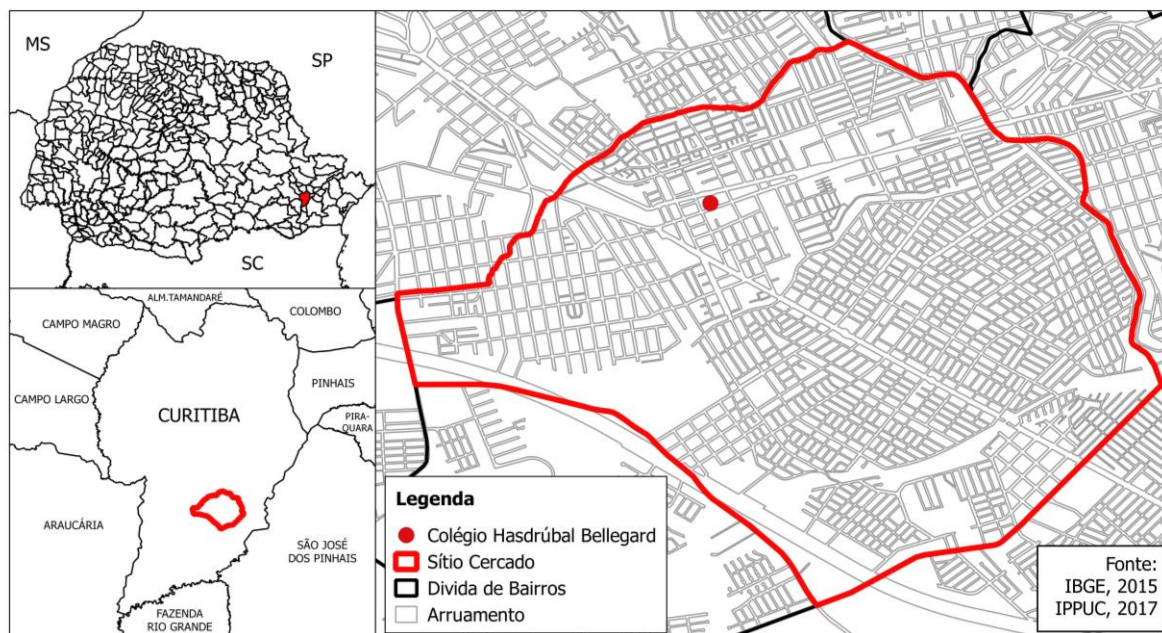


FIGURA 2 - Localização do Colégio Hasdrubal Bellegard. (Fonte: O Autor, 2017).

O colégio tem aulas em 3 turnos (manhã, tarde e noite). No período da manhã as aulas são com os 9º anos e o Ensino Médio; de tarde está o Ensino Fundamental com os 6º, 7º e 8º anos; e por fim, à noite, como no período matutino, as aulas são para o 9º do Ensino Fundamental e Ensino Médio, incluindo também a Educação de Jovens e Adultos.

Durante o ano de 2016 o colégio participava de Projetos Federais através do Mais Educação, que ofertava oficinas no contra turno para os educandos do Ensino Fundamental, como aulas de violão, capoeira, espanhol e futebol. Porém, com o atual corte de verbas aplicado pelo Governo Federal nos últimos anos, o programa deixou de existir no colégio. Em uma matéria publicada pelo jornal Gazeta do Povo (2017), afirma-se que “desde 2014, o programa sofria com atrasos nos repasses” e que a crise política foi um fator determinante para o abandono do programa, como foi observado pela pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Ângela Maria Martins “É uma tradição brasileira: acabar com projetos de outros governos”.

3.1 ELABORAÇÃO DA “GEOCULT”

A atividade desenvolvida no colégio foi batizada de “I GEOCULT - Primeira Gincana Cultural de Geografia”, envolvendo todos os bolsistas do PIBID atuantes no Colégio Hasdrubal Bellegard, educandos do 9º ano fundamental (uma turma), 1º (duas turmas) e 3º (cinco turmas) anos do ensino médio. A equipe de bolsistas foi composta por: Adriane de Andrade, Debora Susan Silveira, Maria Consuelo da Silva, Renan Elias, Ronaldo Martins De Matos, Tamara Cristina da Silva Bozza e Thiago Gonçalves Pacheco Dos Santos, ambos graduandos do curso de licenciatura em geografia na UFPR, sob orientação da Prof.^a Msc. Elaine de Cácia Lima Frick e supervisão da Prof.^a Francislea Ishikiriyama. Somando o total de 269 participantes, destes, 260 educandos, 7 bolsistas, 1 supervisora e uma orientadora.

Esta gincana cultural objetivou contribuir com a educação e o ensino de geografia, como uma forma de demonstrar que outras práticas pedagógicas e

ferramentas didáticas podem colaborar no processo de ensino aprendizagem da disciplina.

O cronograma das atividades da gincana está evidenciado na Figura 3:

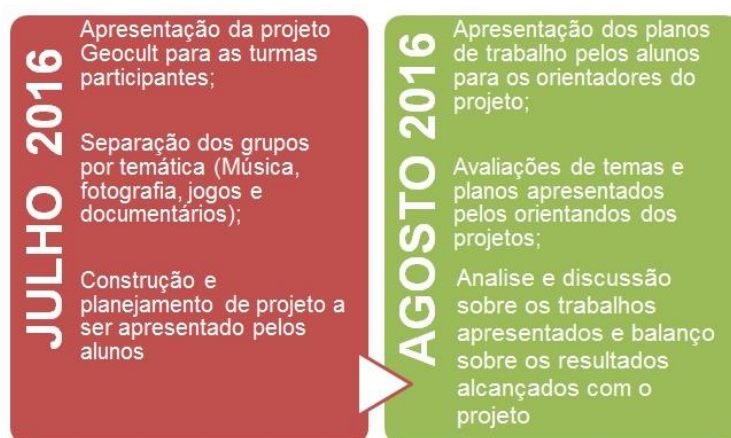


FIGURA 3 - Cronograma das atividades. (Fonte: O Autor, 2017)

A primeira parte da execução do projeto foi a confecção de uma aula expositiva, no início de julho, para apresentar aos educandos alguns exemplos de como a geografia está inserida em diversas formas de arte, elencando ao menos um exemplo para cada uma das vertentes artísticas que poderiam ser trabalhadas pelos educandos durante a gincana, assim como apresentar a forma como a gincana seria organizada.

Como exemplo da relação entre a geografia e a poesia (visando a interdisciplinaridade com a língua portuguesa), foi utilizado o poema “O rio” de João Cabral de Melo Neto, que mostra uma visão particular do rio Capibaribe sobre a paisagem que o cerca durante todo o seu curso, da montante à jusante.

Para música, com o auxílio de um violão (como mostra a figura 4), foi possível trazer elementos da paisagem sonora. Quando uma música era tocada, os educandos eram questionados sobre qual era a paisagem que imaginavam, e os locais apontados surgiram quase que por unanimidade. Por exemplo, quando o instrumental era uma levada de bossa nova, os discentes sugeriam que a paisagem era uma praia, quando o instrumental era um chamamé, alguns diziam lembrar os pampas gaúchos, paisagens do campo, e quando o instrumental era um baião, muitos deles diziam que a música lembrava o sertão nordestino.

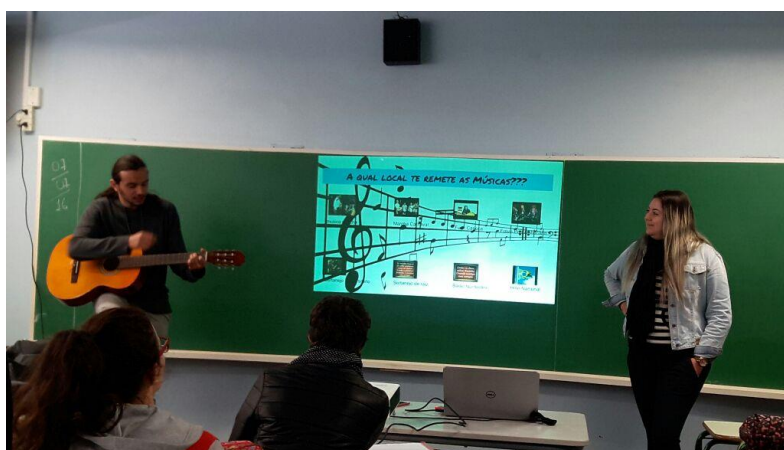


FIGURA 4 – Apresentação da Geocult. (Fonte: Ishikiriyama, 2016).

Para a fotografia, o exemplo era a imagem de um rio poluído, instigando os diferentes enfoques que a paisagem pode ter, ocultando o lixo que estava na margem do rio, a paisagem parecia preservada, e apontando a imagem toda, era possível ver a degradação ali presente, evidenciando que o fotógrafo tem o poder de manipular uma mesma paisagem para atender a objetivos diferentes.

A dança e a expressão corporal em geral apareceram com o exemplo do teatro, da dramaturgia e também as danças folclóricas de diferentes regiões pelo mundo, que demonstram a cultura de cada lugar.

Os jogos foram abordados em duas modalidades: jogos eletrônicos e jogos tradicionais. A primeira modalidade se incumbiu de citar exemplos de jogos de videogames e computadores, tratando da construção da paisagem, do enredo, trilha sonora e da interdisciplinaridade dos conhecimentos que eram necessários para construir um jogo virtual, associando a geografia com biologia, física, história, música e artes visuais. Os jogos tradicionais poderiam ser tanto de tabuleiro como RPG, que também necessitariam de conhecimentos de geografia e outras disciplinas da grade escolar.

Por último, a modalidade cinema foi evidenciada tanto nos filmes como documentários a respeito de diversos temas. Esta modalidade foi importante para os educandos que tem dificuldade em se apresentar em público, ficando a opção de construir um vídeo em casa para apresentar o tema na gincana, seja com uma apresentação oral durante o vídeo ou apenas com montagens de imagens, sons e elementos textuais.

Após esta etapa inicial de apresentação da gincana, as turmas foram divididas em grupos, separados pelos próprios educandos, e assim os grupos deram andamento na escolha do tema a ser trabalhado e a forma de arte a ser abordada, sempre com o apoio e orientação dos bolsistas, que acompanharam o desenvolver e construção dessas atividades até o mês de agosto, quando se iniciaram as primeiras apresentações.

As orientações consistiam em auxiliar os grupos para desenvolver a temática escolhida, relacionar a geografia com a arte que iria ser abordada, os diferentes enfoques que poderiam ser dados, assim como mediar alguns conflitos internos que surgiram durante a elaboração do trabalho, estimulando os educandos a lidarem com opiniões divergentes, combaterem o autoritarismo e trabalhem em equipe de forma democrática e igualitária, dividindo tarefas e visando os objetivos estipulados por cada grupo.

As primeiras apresentações seriam apenas para os bolsistas avaliarem e fazerem as revisões para a apresentação final, que estava programada para o mês de novembro para toda a comunidade escolar durante a semana cultural organizada pelo colégio, porém, devido a conjuntura política no país e todo o processo ocorrido durante as ocupações da primavera secundarista (PRAGMATISMO POLITICO, 2016), a semana cultural foi retirada do calendário, por conta das reposições que ocorreriam aos finais de semana.

Sendo assim, foi com base nas apresentações de agosto que os grupos foram avaliados. Os resultados foram diversos, vários trabalhos superaram as expectativas dos bolsistas avaliadores, dentre eles, os jogos “Mapa Sonoro dos Estados Brasileiros” e “RPG Geográfico”; os documentários sobre “Planejamento Urbano no Sim City” e “Filmindustrien” sobre a indústria do cinema; as fotografias da “Miscigenação Brasileira” nos rostos de Curitiba e “Moradores de rua – existe um lugar para eles? ”, e os trabalhos musicais como a “paródia da música Asa Branca”.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como critério de avaliação, os bolsistas e a professora supervisora elaboraram uma ficha dos grupos, contida no Anexo A, onde foram distribuídas notas para os seguintes critérios: Objetivo, justificativa, materiais e métodos, resultados, tempo, coerência e apresentação oral.

Dentre as vertentes artísticas utilizadas na gincana, as mais abordadas pelos grupos foram fotografia, jogos, vídeo documentário e a música, ao mesmo tempo que não foram desenvolvidos trabalhos que englobassem a expressão corporal, dança e literatura de forma direta.

4.1 FOTOGRAFIA E GEOGRAFIA

Dos trabalhos que fizeram relação entre fotografia e geografia, todos apresentaram as fotografias em forma de slides no projetor que a professora nos cedeu, entre eles se destacaram os grupos:

“Curitiba Através das Lentes Fotográficas”, título apresentado por um dos grupos do 3º A, que realizou uma exposição das fotografias tiradas dos principais pontos turísticos da cidade (figura 5), trazendo seu contexto histórico e também alguns contrapontos com relação à acessibilidade e segurança, que é encontrada na região turística e não em nos outros lugares da cidade considerados não turísticos.



FIGURA 5 – Apresentação do trabalho “Curitiba Através das Lentes Fotográficas”. (Fonte: O Autor, 2016)

“Moradores de rua – existe um lugar para eles ?” consistiu em um trabalho desenvolvido por uma das equipes do 3ª A, que resultou em uma sessão de fotos acompanhada por relatos de pessoas em situação de rua na região central de Curitiba. Os estudantes disseram que para abordar as pessoas na rua de maneira menos invasiva, levavam café, pães e bolos, para então iniciar uma conversa, contar sobre o objetivo do trabalho e assim conseguir a autorização para deixarem ser fotografados pelo grupo. Alguns dos membros da equipe alegaram que antes de realizarem este trabalho, tinham uma visão mais carregada de preconceitos baseados no discurso oriundo da televisão e de alguns entes familiares, e que a partir da saída de campo em busca das fotografias se mostraram muito sensibilizados com os relatos das pessoas que conheceram, mostraram que foi possível estabelecer uma nova forma de compreensão a respeito das pessoas em situação de rua, mais humanizada.

“Pichação” foi o título de um dos trabalhos realizados pelo 3º B, com o objetivo de quebrar preconceitos e demonstrar territorialidades. Foram feitas fotografias na região central de Curitiba, sob a justificativa de fazer com que as pessoas tenham outra visão sobre a pichação, trazendo aspectos de acesso à cidade e o muro como espaço para intervenções artísticas, insatisfação política e domínios de territórios.

Um dos grupos do 3º C trouxe o título “Miscigenação Brasileira” (figura 6), que teve o objetivo de apresentar como o brasileiro possui diferentes traços físicos compostos por cada população que aqui se estabeleceu. Os discentes foram até a rua XV de novembro, uma das principais ruas da cidade e conhecida pelo seu grande fluxo de pessoas em dias úteis, para tirar fotografias das pessoas que avistavam na rua e aceitavam aparecer na foto. O resultado foi uma grande quantidade de pessoas das mais diversas origens étnicas, como haitianos, alemães, chineses, assim como descendentes de japoneses, libaneses, africanos e poloneses, mostrando como em um simples passeio numa tarde qualquer, podemos avistar nos rostos curitibanos o quanto a sociedade brasileira é um povo que não se pode definir pelo aspecto físico, argumento que foi utilizado pelo grupo para questionar a xenofobia e o racismo.

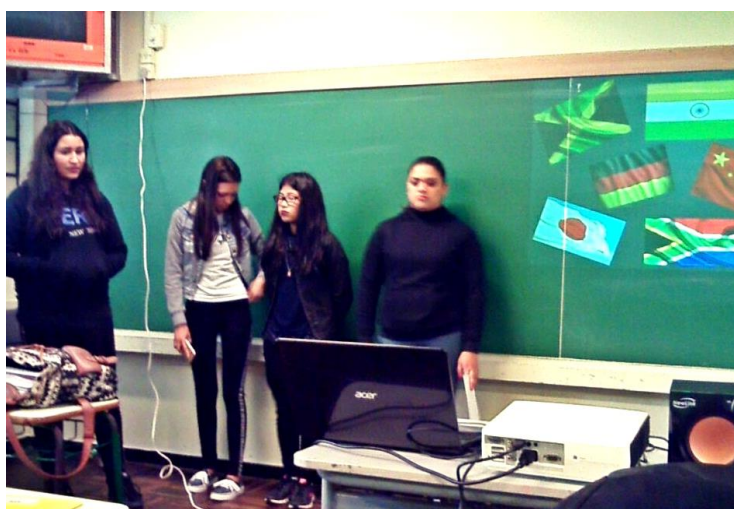


FIGURA 6 – Apresentação do trabalho “Miscigenação Brasileira”. (Fonte: O Autor, 2016)

O tema “Moradores de rua – como são vistos pela sociedade e como se veem na sociedade” foi apresentado por um grupo de estudantes do 3º D, que buscou por meio de entrevistas no entorno do colégio com comerciantes e moradores da região sobre a questão do morador de rua no bairro. Relataram alguns discursos preconceituosos por conta dos comerciantes, que reclamavam da presença dos andarilhos como impactante negativo no comércio, mas também muitos moradores do bairro que ajudavam as pessoas em situação rua, levando alimentos diariamente, doando roupas e cobertores durante o inverno.

4.2 CINEMA E GEOGRAFIA

A relação entre o cinema e a geografia na Geocult surgiu na forma de documentários gravados pelos próprios discentes, apresentados no projetor e utilizando o equipamento de som do colégio.

“Filmindustrien” foi um documentário apresentado por educandos do 3º A sobre a indústria do cinema, que teve como objetivo traçar uma comparação entre o Cinema Europeu e o Cinema Hollywoodiano. O documentário trouxe não só comparativos da característica de cada escola cinematográfica, mas também argumentos sobre o público

alvo que cada uma visa atingir, falando sobre a cultura de massa e o poder do cinema de Hollywood na construção do conceito “American Way of Life”.

O documentário “Planejamento Urbano no Sim City” envolveu a temática dos jogos virtuais. Elaborado por um dos grupos do 3º A (figura 7), ele apresentou o jogo Sim City e a forma como pode ser realizado um planejamento urbano, os impactos da falta de planejamento no jogo e a comparação com a vida real, visando como o jogo pode auxiliar no aprendizado da geografia urbana.

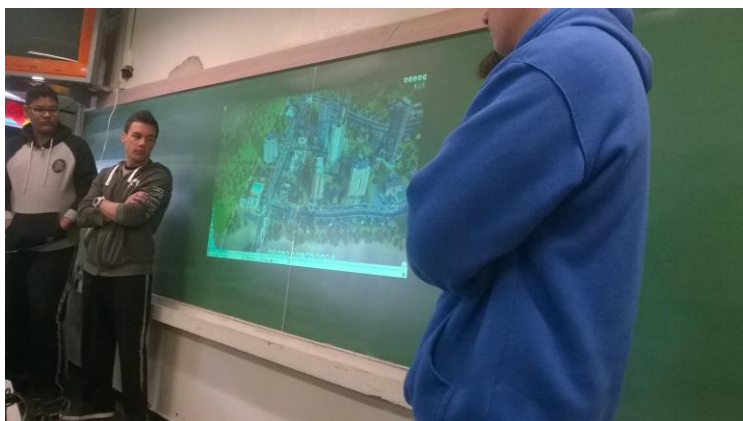


FIGURA 7 – Apresentação do documentário “Planejamento Urbano no Sim City”. (Fonte: O Autor, 2016)

4.3 JOGOS E GEOGRAFIA

Os jogos foram apresentados pelos grupos em duas diferentes modalidades, virtuais e não virtuais. Os grupos que optaram pelos jogos virtuais, fizeram fotos ou documentário falando sobre a relação do jogo e a geografia, a forma com que pode auxiliar no aprendizado da disciplina, enquanto que os grupos que optaram pelos jogos não-virtuais puderam criar algo interativo como o grupo que apresentou o “Mapa Sonoro dos Estados Brasileiros”.

Apresentado por um grupo do 3º A, o “Mapa Sonoro dos Estados Brasileiros” foi um jogo de tabuleiro confeccionado para mostrar a diversidade cultural brasileira. O jogo consistia em jogar os dados e em cada casa havia opções, algumas pediam para que o participante ouvisse uma música (reproduzida no celular com fones de ouvido para que ninguém o ajudasse) e dissesse de qual estado do Brasil ela era, outras pediam para o participante responder uma pergunta sobre a geografia de algum estado em específico, e ainda haviam outras casas que pediam para o participante avançar ou voltar algumas casas.

A demonstração do jogo foi realizada com membros de outras equipes do 3º A, contando com 2 tabuleiros e 2 participantes em cada, conforme mostra a figura 8, apontando o caráter interativo que atraiu a atenção dos demais discentes.



FIGURA 8 – Apresentação do jogo “Mapa Sonoro dos Estados Brasileiros”. (Fonte: O Autor, 2016)

Como jogo virtual, houve um grupo do 3º B que apresentou a saga do jogo *Assassin's Creed*, que tem como temáticas alguns períodos da história como a Revolução Francesa ou a Guerra Civil Norte-americana, apontando como uma ferramenta que auxilia no aprendizado de geografia e história e demonstrando como é possível aprender conteúdos escolares ao jogar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração dos trabalhos junto aos educandos, foi possível observar pontos positivos e pontos que podem ser melhorados para uma aplicação futura. Dentre eles ressaltam-se: os conflitos entre cada grupo a respeito da escolha do tema, onde vários mostraram dificuldade em aceitar opiniões contrárias; o medo da exposição foi algo presente durante algumas apresentações; a dificuldade em lidar com a autonomia, visto a flexibilidade que a gincana proporcionou no desenvolvimento do trabalho; a dificuldade que alguns grupos apresentaram entre estabelecer relação entre os saberes escolares e suas práticas cotidianas. Para mediar essas situações, coube aos bolsistas e à professora intervir em vários grupos para que fossem encaminhados de maneira mais disposta.

Dentre os aspectos positivos, cabe ressaltar a aproximação dos alunos com a geografia; a sensibilização dos discentes para as causas sociais; os eixos temáticos que permitiram a assimilação entre a arte e a geografia; o estabelecimento de novas formas de comunicação e aprendizado; a interação dos grupos com a comunidade escolar; os debates que instigaram os saberes individuais e coletivos; a interdisciplinaridade apresentada em vários trabalhos, mostrando que a geografia não é a única disciplina escolar que está inserida na arte; e, embora tenha havido grupos com dificuldades no exercício da autonomia, também surgiram outros que apresentaram grande desenvoltura na criação e execução do trabalho, grupos que pouco necessitaram da orientação e direcionamento dos bolsistas.

Portanto, os resultados alcançados na 1ª GEOCULT se encerraram de forma ampla, aflorando diversas temáticas que anteriormente no entender do educando não seriam relacionados à disciplina, uma vez que para os mesmos era difícil de relacioná-los aos conteúdos teóricos estudados. Além disso, os educandos foram estimulados a desenvolver a comunicação, a sociabilidade, corroborando em debates interessantes sobre as dinâmicas presentes na sociedade nos dias atuais, o que pôde despertar nele novos interesses com relação a disciplina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria F. **A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil?** In: PAIXÃO, Lea P. ZAGO, Nadir. Sociologia da Educação. Pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, p. 44-72. 1998.

CHARLOT, Bernard. **A escola e o trabalho dos alunos.** Sísifo: Revista de Educação, Lisboa, n.10, p.133-154, 2009.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123.

GAZETA DO POVO. **Ensino integral perde mais de 2 milhões de alunos. Conheça os motivos.** 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/BYkDtr> >. Acesso em: 03/05/2017.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes.** 4º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NOSSO BAIRRO. IPPUC: **Sítio Cercado.** Disponível em:<<http://www.ippuc.org.br/nosso%20bairro/anexos/65-Sitio%20Cercado.pdf>> Acesso em: 16/04/2015

PPP. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Hasdrubal Bellegard,** 2013.

PRAGMATISMO POLÍTICO: **Brasil já tem 1.100 escolas ocupadas contra a reforma de Temer e a PEC 241.** São Paulo, 28 out. 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/Y1fbdo> >. Acesso em: 16/11/2016.

SEED PR. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **Caracterização Do Espaço Escolar.** Disponível em: < <https://goo.gl/YDbLk6>>. Acesso em: 20/04/2017.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia.** 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012. 344 p. Tradução de Livia de Oliveira.

UNIVESP. **Pierre Bourdieu: Conceito de Capital Cultural.** Youtube. 14 dez 2001. Disponível em: < <https://goo.gl/52GZqi>>. Acesso em: 20/06/2017.

VOLOCHKO, Danilo. **Uma crítica ao espaço-tempo americano.** GEOUSP – Espaço e Tempo (Online), São Paulo, v. 18, n. 2, p. 458-460, 2014. Disponível em: <www.revistas.usp.br/geousp/article/download/84543/87458>. Acesso em: 10/05/2017.